

SEUL, SÃO PAULO: TENSÕES, ALTERIZAÇÃO E REPRESENTAÇÕES TRANSCULTURAIS NO ROMANCE DE GABRIEL MAMANI MAGNE

Denis Leandro Francisco

Departamento de Estudos da Linguagem, Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade
Federal de Lavras, Lavras, Brasil

Concetualização, aquisição de financiamento, investigação, metodologia,
administração do projeto, supervisão, redação – revisão e edição

Gabriela Eufrasia Sousa Passos

Departamento de Estudos da Linguagem, Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade
Federal de Lavras, Lavras, Brasil

Investigação, redação do rascunho original

RESUMO

Este artigo analisa o romance *Seul, São Paulo* (2024), de Gabriel Mamani Magne, a partir das representações de migração, alterização e pertença cultural produzidas pela trajetória de Tayson Pacsi, brasileiro filho de bolivianos e socializado em São Paulo, que se desloca para a Bolívia e passa a viver entre regimes concorrentes de identificação. A leitura propõe uma aproximação crítica — e metodologicamente delimitada — entre a noção de orientalismo de Edward Said (1978/2007) e formas intra-latino-americanas de hierarquização cultural, sem transpor mecanicamente o eixo Ocidente-Oriente para o contexto latino-americano. Defende-se que o romance expõe uma lógica de alterização móvel, pela qual Tayson é percebido como “boliviano” no Brasil e como “brasileiro” na Bolívia, revelando a instabilidade das fronteiras nacionais, racializadas, linguísticas e afetivas que moldam sujeitos em trânsito. Em diálogo com Said (1978/2007), Foucault (1975/1987, 1978/2018), Bhabha (1994/2018), Rama (1982), Pratt (1992) e Quijano e Ennis (2000), o artigo examina três dimensões do romance: a produção discursiva do Outro, os dispositivos disciplinares que regulam corpos migrantes e a colisão simbólica entre Tunupa, McDonald's e K-pop como formas concorrentes de imaginação cultural. Argumenta-se, por fim, que *Seul, São Paulo* constrói uma poética da transnacionalidade latino-americana marcada por vulnerabilidade, desejo global, colonialidade persistente e resistência cultural. A análise contribui para os estudos culturais ao aproximar migração, ancestralidade, linguagem, corporalidade e consumo global num quadro latino-americano contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE

transnacionalidade, alterização, literatura latino-americana, migração boliviana, Gabriel Mamani Magne

SEUL, SÃO PAULO: TENSIONS, OTHERING, AND TRANSCULTURAL REPRESENTATIONS IN THE NOVEL BY GABRIEL MAMANI MAGNE

ABSTRACT

This article analyses the novel *Seul, São Paulo* (2024), by Gabriel Mamani Magne, through the representations of migration, othering, and cultural belonging produced by the trajectory of Tayson Pacsi, a Brazilian man born to Bolivian parents and socialised in São Paulo, who moves to Bolivia and begins to navigate competing regimes of identification. The reading proposes a critical — and methodologically circumscribed — engagement between Edward Said's (1978/2007) notion of Orientalism and intra-Latin American cultural hierarchies, without mechanically transposing the West-East axis to the Latin American context. It is argued that the novel exposes a logic of mobile othering through which Tayson is perceived as "Bolivian" in Brazil and "Brazilian" in Bolivia, revealing the instability of the national, racialised, linguistic, and affective boundaries that shape subjects in transit. In dialogue with Said (1978/2007), Foucault (1975/1987, 1978/2018), Bhabha (1994/2018), Rama (1982), Pratt (1992), and Quijano and Ennis (2000), the article examines three dimensions of the novel: the discursive production of the other, the disciplinary apparatuses regulating migrant bodies, and the symbolic collision between Tunupa, McDonald's, and K-pop as competing forms of cultural imagination. Finally, it is argued that *Seul, São Paulo* constructs a poetics of Latin American transnationality marked by vulnerability, global desire, persistent coloniality, and cultural resistance. The analysis contributes to cultural studies by bringing together migration, ancestry, language, corporeality, and global consumption within a contemporary Latin American framework.

KEYWORDS

transnationality, othering, Latin American literature, Bolivian migration, Gabriel Mamani Magne

1. INTRODUÇÃO

O romance *Seul, São Paulo* (2024), de Gabriel Mamani Magne, tematiza identidade, diáspora e subalternização cultural no contexto da juventude boliviana e boliviano-brasileira que vive entre a Bolívia e o Brasil. A trama acompanha Tayson Pacsi, brasileiro filho de bolivianos, socializado em São Paulo, que se desloca para a Bolívia aos dezesseis anos após uma infância atravessada pela experiência migrante nas oficinas de costura paulistanas. Narrada sob a perspectiva de seu primo, identificado apenas pelo sobrenome Pacsi, a narrativa alterna entre memórias da metrópole brasileira e o cotidiano rígido do pré-militar em El Alto, na Bolívia. No romance, esse trânsito entre culturas é frequentemente avaliado como indesejável por aqueles que cercam Tayson: "que era um pária, nem boliviano nem brazuca: que havia descido do ônibus do patriotismo na metade da viagem e jamais odiaria os chilenos nem se sentiria com autoridade para dizer sou brasileiro, porra, a gente é penta" (Magne, 2024, pp. 37–38).

A estratégia narrativa de Gabriel Mamani Magne merece ser sublinhada. O narrador-personagem, ao observar o primo, assume muitas vezes a posição do coletivo militar e familiar que vigia Tayson, enquanto o corpo do protagonista concentra a instabilidade

das fronteiras identitárias. Quando Tayson é descrito como possuidor de “olhos pequenos, rasgados” e de uma “carnosidade” corporal (Magne, 2024, p. 46), o romance evidencia que a alteridade não é apenas discursiva: ela é também lida, projetada e administrada sobre o corpo.

Para desenvolver a análise, recorre-se ao quadro clássico proposto por Edward Said em *Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente*, publicado originalmente em 1978. Said (1978/2007) define o orientalismo como um sistema de representação por meio do qual o Ocidente construiu o Oriente como objeto de saber, domínio e autoridade. Esse sistema não se limita à descrição do “Outro” oriental, mas produz uma relação de poder que torna certas culturas inteligíveis como inferiores, exóticas ou dependentes.

Neste artigo, contudo, Said (1978/2007) é usado com cautela: não se trata de “aplicar” o orientalismo ao contexto latino-americano como se os regimes históricos fossem equivalentes, mas de mobilizar a sua lógica crítica — representação, hierarquização e autoridade discursiva — para ler formas intra-latino-americanas de alterização. Em *Seul, São Paulo*, Tayson é constantemente confrontado com estereótipos e hierarquias culturais que moldam a sua identidade, o que permite observar uma lógica de latino-americanização do Outro, isto é, a produção discursiva de diferenças e inferioridades no interior da própria América Latina.

Gabriel Mamani Magne (La Paz, 1987) é uma das vozes relevantes da literatura boliviana contemporânea. *Seul, São Paulo* venceu o Prêmio Nacional de Romance da Bolívia em 2019 e recebeu edição brasileira pela Todavia em 2024. O autor é formado em Sociologia e Direito, com mestrado em Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e vive em Goiânia, onde desenvolve investigação na área de Letras (Montovani, 2024; Todavia, s.d.).

Embora o escritor recuse leituras que reduzam *Seul, São Paulo* a um romance autobiográfico, a narrativa estrutura-se a partir de um olhar transcultural associado à experiência de circulação do autor por contextos bolivianos e brasileiros. A noção de transculturação narrativa, proposta por Ángel Rama (1982), auxilia a compreender esse processo: a literatura latino-americana reelabora tradições locais, matrizes coloniais e sistemas culturais globais, produzindo novas formas de representação. Em Gabriel Mamani Magne, essa dinâmica aparece tanto na tematização da diáspora boliviana em São Paulo quanto na incorporação de referências globais, como o K-pop, que funciona como vetor de desejo, performance e reconfiguração identitária.

Esse processo de transculturação aparece em imagens espaciais recorrentes. La Paz é percebida como cercamento, onde as montanhas fazem o sujeito sentir que “é impossível escapar” (Magne, 2024, p. 14), enquanto El Alto oferece “direito ao horizonte” (Magne, 2024, p. 14). A metáfora do horizonte opõe-se à massa de cimento de São Paulo, descrita como “bloco colossal” (Magne, 2024, p. 149). O romance constrói, assim, uma tensão entre o enraizamento pétreo simbolizado por Tunupa e a fluidez precária da vida urbana nas oficinas de costura paulistanas.

Ao relatar a experiência migrante, Gabriel Mamani Magne não recorre a uma Bolívia exótica para o olhar estrangeiro; volta-se antes para a “Bolívia popular”, operária, indígena e diaspórica. Essa perspectiva contesta narrativas canônicas que invisibilizam

sujeitos periféricos em favor de elites culturais. A linguagem desempenha papel decisivo nesse gesto: espanhol, português, aimará, gírias juvenis e oralidades migrantes compõem uma escrita marcada pela hibridez. O “portunhol” e expressões como “bolibrazuca” (Magne, 2024, p. 20) funcionam como marcas de uma subjetividade que recusa a pretensa pureza nacional.

Metodologicamente, o artigo desenvolve uma leitura crítica e interpretativa do romance *Seul, São Paulo*, articulando análise textual, leitura das representações de corpo, espaço e linguagem, e enquadramento teórico nos estudos culturais latino-americanos. A análise privilegia três eixos: a produção discursiva da alteridade, os dispositivos de disciplina e subjetivação, e a colisão simbólica entre referências culturais locais, nacionais e globais. Nesse percurso, Bhabha (1994/2018) é mobilizado sobretudo para pensar a ambivalência do entre-lugar e a instabilidade das pertencas culturais, sem transformar a hibridez em síntese harmoniosa.

2. A TRAJETÓRIA DE TAYSON: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE ALTERIZAÇÃO

Said (1978/2007) argumenta que o Ocidente construiu o Oriente como seu “Outro”: uma invenção discursiva usada para legitimar relações de dominação. Essa representação não é neutra, estabelece uma dicotomia entre o “eu” supostamente racional e civilizado e o “Outro” exótico, atrasado ou ameaçador. A utilidade de Said (1978/2007) para esta análise está menos na equivalência histórica e mais na descrição de uma operação discursiva: produzir o Outro como objeto de conhecimento, classificação e governo.

Em *Seul, São Paulo*, a trajetória de Tayson exemplifica um processo análogo de alterização. No Brasil, ele é reduzido à figura do “boliviano”, associada ao trabalho precário, à invisibilidade social e à suspeição. Ao deslocar-se para a Bolívia, enfrenta outro tipo de exclusão: passa a ser lido como “brasileiro”, estrangeiro em território familiar. Essa hostilidade manifesta-se no espaço do pré-militar, em que a identidade ambígua de Tayson é interpretada como ameaça ao nacionalismo local:

metido a brasileiro o outro Pacsi, né? Pobre ignorante de merda. (...)
Metido a brazuca, o bundão. Se pego ele na rua, ensino a amar a tricolor. E
agora sim, baseado entre os lábios, acrescenta: Espero que essa covardia
não seja de família. (Magne, 2024, p. 63)

O fragmento evidencia que a exclusão de Tayson na Bolívia não é apenas institucional, é também interpessoal e linguística. A acusação de ser “metido a brazuca” mostra a impossibilidade de o protagonista ser reconhecido de modo pleno. A sua “brasilidade” torna-se instrumento de desqualificação moral, física e nacional.

A experiência de Tayson é marcada por constantes deslocamentos. No Brasil, onde nasceu, cresceu entre imigrantes bolivianos, a pele mais clara permitiu-lhe inicialmente circular em espaços onde outros bolivianos eram excluídos. A queda na hierarquia social ocorre quando a herança étnica deixa de ser invisível, isto é, quando a “Bolívia começa a aflorar no seu corpo” (Magne, 2024, p. 22). A alteridade é mediada pela memória do narrador, que lê as transformações do presente no corpo do primo.

Presto atenção em Tayson e me dou conta de que está mais andino a cada dia. Comparo seu rosto com o da foto do seu perfil de Facebook postada em 2011: seus traços estão mais pronunciados, como se Deus, durante todos esses anos, tivesse demorado a moldar bem seu rosto. (Magne, 2024, p. 75)

É precisamente esse afloramento de ancestralidade no corpo de Tayson que faz cessar certos privilégios conferidos pela pele anteriormente mais clara, reconduzindo-o ao lugar de exclusão ocupado por seus pais e familiares. Na Bolívia, será novamente estrangeirizado, agora em nome de uma bolivianidade nacionalista que não admite ambiguidade.

Tayson é reprimido pelo pré-militar boliviano, que tenta apagar marcas de outras culturas através de ritos de humilhação e coerção. As flexões impostas por esquecer o hino nacional (Magne, 2024, p. 29) ou os insultos do suboficial Sucre revelam a imposição de uma identidade nacional essencializada. Até mesmo os colegas reproduzem essa lógica ao afirmar: “aqui peruano não tem vez, é um lugar de bolivianos pra bolivianos” (Magne, 2024, p. 47). Nessa dinâmica de subjetivação diaspórica, o K-pop surge como elemento decisivo. Tayson encontra na cultura pop sul-coreana uma tentativa de escapar às categorias que o aprisionam. Ao identificar-se com um repertório globalizado, procura uma forma de expressão que não seja definida pelas fronteiras nacionais ou pelos resíduos coloniais. Contudo, essa escolha é ambígua, se lhe oferece maleabilidade identitária, também o distancia de uma identificação aimará proposta por Dino. Contudo, convém evitar a leitura do K-pop como simples alienação, no romance, ele opera simultaneamente como desejo global, performance corporal e tentativa de reinvenção.

No início, Tayson rejeita o gênero musical, posteriormente, encontra nele um espaço inesperado de expressão. A transformação passa, inclusive, por modificações físicas e por uma tentativa de aproximação fenotípica aos ídolos sul-coreanos: “não basta saber dançar (...). Também precisamos nos parecer com os cantores [de K-pop]” (Magne, 2024, p. 112). A maquiagem, a dança e a corporalidade tornam-se práticas de tradução cultural. A complexidade da cadeia de alteridades torna-se evidente na cena em que Tayson é expulso de uma loja coreana em São Paulo aos gritos de “Bolivianos não” (Magne, 2024, p. 22). A cena sugere uma hierarquia entre grupos migrantes e racializados, em que uma comunidade também minoritária pode reproduzir mecanismos de exclusão contra outra ainda mais vulnerável. A recusa não incide sobre uma ação individual de Tayson, mas sobre a identidade coletiva que lhe é atribuída. O sujeito é rejeitado como signo social.

A contribuição de *Seul, São Paulo* para essa discussão está em deslocar a alterização do plano abstrato para o âmbito concreto das relações cotidianas. Fronteiras identitárias são construídas por gestos, palavras, policiamentos do corpo e práticas espaciais. A maneira como Tayson se movimenta pelas ruas de El Alto permite ler a identidade como “coreografia de sobrevivência”.

O que o salva de ser uma bola preta desalmada é o modo como vira as esquinas ou acelera o passo quando atravessamos a rua e o semáforo ainda está no verde: faz isso com a delicadeza de um passo de dança, como

se a música coreana que escuta o tempo inteiro tivesse descido das suas orelhas para o corpo, dotando-o de uma cadência que, apesar do cenho franzido, amortece seu corpo e suaviza suas feições. (Magne, 2024, p. 84)

A música que “desce das orelhas para o corpo” mostra como Tayson usa signos globais para reconfigurar a sua presença física no espaço público. Não é apenas “boliviano” ou “brasileiro”, é um sujeito que performa a sua alteridade, recusando a rigidez das fronteiras nacionais. Trata-se de uma estratégia cotidiana de sobrevivência e negociação cultural.

3. DISPOSITIVOS DE PODER, DISCIPLINA E SUBJETIVAÇÃO

Said (1978/2007) defende que o orientalismo não é apenas campo acadêmico, mas prática ideológica que legitima o domínio colonial ao construir o “Oriente” como espaço inferior. Influenciado por Foucault, mostra que conhecimento e poder são indissociáveis: a maneira como um grupo é representado determina sua posição na hierarquia social e legitima formas de controle e exclusão. Foucault (1975/1987, 1978/2018), por sua vez, permite compreender como discursos e instituições produzem sujeitos, normas e corpos disciplinados. O romance de Gabriel Mamani Magne evidencia como hierarquias coloniais e formas intra-latino-americanas de alterização são reproduzidas na identidade dos migrantes. Na cena em que Tayson é alvo de zombarias por parte de amigos brasileiros, a nacionalidade funciona como dispositivo de exclusão simbólica.

Você está cada dia mais boliviano, diziam seus amigos brasileiro-brasileiros para provocá-lo. Tayson não dava bola. A realidade, contudo, se encarregava de esfregar sua bolivianidade na cara: tio Waldo o rebaixou a vendedor de shorts no centro de São Paulo; as mulheres — as negras, as bronzeadas, as gordas, as magras, congolezas, todas — olhavam-no de um jeito diferente, ou simplesmente não olhavam mais. (Magne, 2024, p. 27)

A passagem revela como o poder opera de modo difuso, moldando a subjetividade de Tayson por meio de olhares, insultos, expectativas e rebaixamentos laborais. A “bolivianidade” torna-se estigma, de um lado, empurra o protagonista para o trabalho precarizado, de outro, retira-lhe reconhecimento social e erótico. A nacionalidade, transformada em insulto, produz uma micro-hierarquia em que ser “mais boliviano” significa ocupar uma posição de inferioridade.

O pré-militar boliviano representa um dispositivo disciplinar particularmente explícito. O quartel funciona como um dispositivo de normalização nacional e corporal, procurando fixar identidades em corpos diaspóricos. Na cena em que Tayson é submetido a rituais vexatórios diante do batalhão, observa-se um conjunto de práticas destinado a moldar sujeitos para a obediência:

Tayson está fazendo flexões de braço diante de todo o batalhão. Sucre conta em voz alta: sete, oito... quinze. Quando chega a trinta, ordena que fique de

pé. Então entendo: Sucre percebeu que faltava um botão na blusa de Tayson e ficou furioso. (...) Inventa um botão, cacete! (Magne, 2024, pp. 25–26)

As práticas punitivas e humilhantes tornam-se recorrentes, como quando Tayson se esquece do hino nacional e é insultado, “Sucre insulta meu primo com as mesmas palavras que usou quando o fez pagar flexões por ter esquecido a letra do hino ao mar. Bicha. Viadinho. Volta pro teu país, negro” (Magne, 2024, p. 29).

O insulto articula nacionalidade, ancestralidade, sexualidade e masculinidade. A disciplina militar não corrige apenas um comportamento, procura produzir um corpo nacional legível, viril e obediente. Nesse ponto, Foucault (1975/1987, 1978/2018) ajuda a compreender a docilização dos corpos, enquanto Said (1978/2007) permite ler os efeitos discursivos da inferiorização cultural.

A microfísica do poder também se manifesta nas condições de trabalho da família de Tayson. Nas oficinas de costura paulistanas, a migração é convertida em exploração laboral, medo e confinamento. A trajetória do tio Yojan ilustra essa face da diáspora boliviana:

sua história parece saída de uma reportagem sobre migrantes explorados que aparecem de tempos em tempos na televisão brasileira: durante seus primeiros seis meses em São Paulo, só viu a luz do dia cinco vezes. O homem que o levava até lá (...) disse que a polícia o prenderia se descobrisse que ele estava trabalhando sem a documentação necessária. (Magne, 2024, p. 109)

O trecho mostra como a precarização do trabalho é sustentada por medo, desinformação e vigilância. O trabalhador migrante é privado da luz do dia, reduzido a função produtiva e invisibilizado como sujeito. A migração, nessas condições, não é apenas deslocamento geográfico, é também despossessão simbólica, laboral e cultural.

Diante dessas pressões, Dino surge como figura de resistência. Jovem livreiro, egresso das oficinas de costura de Buenos Aires e estudante de Sociologia, ele propõe uma identificação que ignora as fronteiras coloniais do Estado-nação: “e dado isso tudo, diz Dino, você se considera brasileiro ou boliviano? (...) Nenhum dos dois, responde. Nem boliviano nem brasileiro. Você, Taysinho, é que nem a gente: aimará” (Magne, 2024, pp. 53–54).

A fala de Dino sugere uma descolonização da identidade, apontando para uma ancestralidade indígena anterior às demarcações geopolíticas modernas. No entanto, a resposta hesitante de Tayson — “não sei. Meu problema é esse” (Magne, 2024, p. 53) — revela a internalização das estruturas simbólicas coloniais. O pertencimento aimará ainda não aparece como possibilidade resolvida, mas como categoria em disputa. A proposta de Dino rompe com categorias nacionais fixas e permite articular o romance ao debate sobre colonialidade. Como observam Quijano e Ennis (2000), a colonialidade do poder reorganiza hierarquias sociais, raciais e epistêmicas para além do colonialismo formal. Em *Seul, São Paulo*, a identidade aimará funciona como tentativa de deslocar Tayson das categorias nacionais que o aprisionam, mas não elimina a violência dos regimes de classificação que continuam a operar sobre seu corpo.

4. TUNUPA E McDONALD'S: SÍMBOLOS EM COLISÃO NA GEOGRAFIA IMAGINATIVA DE TAYSON

O deslocamento de Tayson para La Paz apresenta dois marcos simbólicos fundamentais:

Tayson chegou a La Paz no inverno de 2013. Tinha dezesseis anos. Além dos três graus abaixo de zero das madrugadas andinas, duas foram as coisas que o marcaram para sempre: 1. Tunupa e sua expressão de serenidade. 2. A inexistência de um McDonald's. (Magne, 2024, p. 27)

A passagem estabelece um diálogo tenso entre sistemas de significação cultural. A ausência do McDonald's, mencionada com a mesma força narrativa dada a Tunupa, revela a condição transnacional de Tayson. Tunupa não é apenas símbolo abstrato, é presença física que organiza a casa e a memória.

Na sala há um monólito. Sempre estive ali. Chegou antes da minha avó nascer e provavelmente sobreviverá a todos nós. Está incrustado no chão. Mede um metro e cinquenta. Tem cor de cimento úmido. Às vezes, dá vontade de rezar para ele. (Magne, 2024, p. 11)

A descrição revela um espaço doméstico assombrado pela ancestralidade. A “cor de cimento úmido” aproxima visualmente o monólito da “massa de cimento” de São Paulo (Magne, 2024, p. 149), fundindo tradição andina e modernidade urbana. Tunupa pode ser lido como signo ambivalente, ao mesmo tempo presença ancestral e objeto quase fossilizado, incapaz de oferecer a Tayson uma pertença imediata. O retorno à origem revela-se impossível, pois a origem aparece como presença muda e indecifrável.

Outros índices de consumo global atravessam o romance. O episódio em que Tayson desenvolve uma relação compulsiva com a comida, após ser forçado pelo pai a trabalhar como pipoqueiro, mostra a inscrição do desejo global no corpo. O protagonista rouba dinheiro da mãe para comprar “dez *salchipapas* e três garrafas de dois litros de coca-cola” (Magne, 2024, p. 41), e o narrador observa o seu ganho de peso:

Tayson está engordando à beça. Olho para suas bochechas de buldogue e as comparo com as do rapaz magro que chegou lá em casa numa tarde de domingo (...) entre aquele Tayson e o que limpa o rosto com as mangas do moletom há, pelo menos, dez quilos de diferença. (Magne, 2024, pp. 40–41)

O ganho de peso e a busca por alimentos que mimetizam o consumo global inscrevem no corpo a frustração do sujeito diaspórico. Nesse cenário, o McDonald's ausente funciona como fantasma da globalização: não é apenas uma cadeia de fast-food, mas um signo de pertencimento a uma ordem global que Tayson reconhece e deseja, mesmo sem acesso pleno a ela. Se Tunupa é um monólito e o McDonald's um vazio, qual espaço resta para uma identidade que não se defina por essa oposição? A resposta está no desconforto de Tayson, na sua recusa em caber inteiramente na tradição essencializada ou na globalização homogeneizante. Esse entre-lugar aproxima o romance da noção de “zona de contato”, formulada por Pratt (1992), espaços sociais em que culturas se

encontram, colidem e se transformam sob relações assimétricas de poder. Tayson não reconhece sua identidade em Tunupa nem no McDonald's, mas no espaço instável que abre entre ambos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Seul, São Paulo* permite identificar mecanismos de alterização e hierarquização cultural que dialogam com a lógica descrita por Edward Said (1978/2007), embora em contexto distinto do eixo clássico Ocidente-Oriente. O romance mostra que a produção discursiva do Outro também ocorre no interior da América Latina, entre sujeitos e grupos marcados por diferentes graus de subalternização. Por isso, em vez de falar genericamente em “orientalismo latino-americano”, propõe-se compreender essas dinâmicas como formas intra-latino-americanas de alterização, nas quais nacionalidade, ancestralidade, classe, língua e memória colonial se articulam na produção de hierarquias e na administração simbólica de corpos migrantes.

A experiência de Tayson mostra que a alterização não é estática. Ela se atualiza conforme o território e as relações de poder: “boliviano” no Brasil, “brasileiro” na Bolívia, aimará em disputa, consumidor global incompleto, fã de K-pop em busca de outra corporalidade. O confronto entre Tunupa e McDonald's e a adesão ao K-pop mostram como geografias imaginativas se sobrepõem, competem e falham como abrigo identitário. No plano estético, Gabriel Mamani Magne intensifica a força simbólica do romance ao inscrever na narrativa a hibridez linguística e cultural dos sujeitos diaspóricos. A obra recusa tanto a idealização quanto a invisibilização da experiência migrante. Ao mobilizar português, espanhol, aimará, gírias juvenis, insultos, marcas globais e referências pop, *Seul, São Paulo* constrói uma poética da fronteira latino-americana contemporânea. O romance permite repensar o lugar da América Latina no sistema cultural global e as novos contornos da colonialidade que atravessam o eixo Brasil-Bolívia. As experiências de deslocamento e mobilidade transnacional representadas na obra são conflituosas e geradoras de vulnerabilidade, mas também possibilitam resistência, invenção corporal, tradução cultural e disputa por reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, por meio do Programa Institucional de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

- Bhabha, H. K. (2018). *O local da cultura* (M. Ávila, E. L. de L. Reis, & G. R. Gonçalves, Trans.; 2.ª ed.). Editora UFMG. (Trabalho original publicado em 1994)
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* (R. Ramallete, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1975)

- Foucault, M. (2018). *Microfísica do poder* (R. Machado, Org. e Rev. Téc., Trad.; 7.ª ed.). Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1978)
- Magne, G. M. (2024). *Seul, São Paulo* (B. C. Mattos, Trad.). Todavia.
- Montovani, F. (2024, 22 de junho). 'Mini-Bolívia' em São Paulo e paixão por k-pop inspiram autor em romance premiado. Diário de Cuiabá. <https://www.diariodecuiaba.com.br/ilustrado/mini-bolivia-em-sao-paulo-e-paixao-por-k-pop-inspiram-autor-em-romance-premiado/683834>
- Pratt, M. L. (1992). *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Routledge.
- Quijano, A., & Ennis, M. (2000). Coloniality of power, Eurocentrism, and Latin America. *Nepantla: Views from South*, 1(3), 533–580.
- Rama, Á. (1982). *Transculturación narrativa en América Latina*. Siglo XXI.
- Said, E. W. (2007). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (R. Eichenberg, Trad.). Companhia de Bolso. (Trabalho original publicado 1978)
- Todavia. (s. d.). *Gabriel Mamani Magne*. Retirado em 5 de agosto de 2025, de <https://todavialivros.com.br/autores/gabriel-mamani-magne>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Denis Leandro Francisco é professor das áreas de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras, onde é membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e coordenador do projeto *A Ásia Não É Longe Daqui: Imagens de Orientes na Literatura Brasileira* (PIDEL81–2024). Realizou pós-doutorado em Literatura Comparada e Estudos Culturais com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Doutor em Literatura Comparada (ênfase em Literatura Portuguesa), mestre em Literatura Brasileira e graduado em Letras (licenciatura plena em Língua portuguesa e suas literaturas), todos os títulos obtidos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Foi professor assistente na Hankuk University of Foreign Studies, Coreia do Sul, de 2017 a 2019, onde atuou na área de Português Língua Estrangeira, Literatura e Cultura Brasileira. Autor dos livros de ficção infantojuvenil *Zola e Ana Raio* (prêmio FNLIJ, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), *O Sapo (Des) Encantado* (prêmio PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático do Ministério da Educação do Brasil) e *Para Ler Literaturas Contemporâneas de Língua Portuguesa* (Editora UFLA, 2024).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5947-8832>

Email: denisfrancisco@ufla.br

Morada: Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Federal de Lavras, Trevo Rotatório Professor Edmir Sá Santos, s/n, Caixa Postal 3037 – CEP 37203–202, Lavras, Minas Gerais, Brasil

Gabriela Eufasia Sousa Passos é graduanda em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), no Departamento de Estudos da Linguagem. Atuou como pesquisadora

de iniciação científica no projeto *A Ásia Não É Longe Daqui: Imagens de Orientes na Literatura Brasileira* (PIDEL81–2024), com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Recebeu o prêmio Destaque na Iniciação Científica – Área: Ciências Humanas e Sociais – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq pela pesquisa desenvolvida e apresentada no “XXXVIII Congresso de Iniciação Científica da UFLA” em 2025.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6776-1265>

E-mail: gabriela.passos@estudante.ufla.br

Morada: Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Federal de Lavras, Trevo Rotatório Professor Edmir Sá Santos, s/n, Caixa Postal 3037 – CEP 37203–202, Lavras, Minas Gerais, Brasil

Submetido: 29/11/2025 | Aceite: 07/05/2026



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.